

Destaque

Crise na zona euro Austeridade na Grécia tem tido um preço elevado

“Balão de ensaio” da ajuda externa está a pagar caro a factura

Ana Rita Faria e Luís Villalobos

A cura de austeridade imposta à Grécia está a ferir a economia e a mostrar à Europa e ao FMI as debilidades do seu modelo de intervenção

● Economia a recuar três por cento. Desemprego a atingir novos máximos. Milhares de lojas que fecharam e milhares de reformados que desertaram para as zonas rurais depois dos cortes nas pensões. Poder de compra em queda abrupta. Sucessivas dietas de austeridade, para compensar as receitas do Estado, que não sobem tanto quanto deveriam, e para combater o défice, que não desce tanto quanto o Governo prometeu. O resgate por parte da UE e do FMI, há um ano, destinava-se a salvar as finanças públicas do país. Mas não parece ter ajudado a Grécia a sair do buraco onde se encontra.

Em troca de um pacote de empréstimos de 110 mil milhões de euros, a Grécia, que já tinha avançado com medidas de austeridade, comprometeu-se com um novo rigoroso plano de consolidação orçamental, com vista a colocar o seu défice nos três por cento do PIB (o limite de Bruxelas) até 2014. Para isso, foram feitos cortes salariais na função pública, nos subsídios de Natal e de férias, nas pensões, aumentaram-se mais os impostos, facilitaram-se os despedimentos, entre outras medidas.

O resultado foi uma recessão de 4,5 por cento no ano passado e uma nova contração este ano, que deverá chegar aos três por cento. A taxa de desemprego deverá atingir os 15,1 por cento em 2011, atingindo, particularmente, a geração jovem. Os bancos, dependentes da liquidez fornecida pelo Banco Central Europeu (BCE), estão a racionar o crédito às empresas e famílias, debilitando a capacidade de recuperação da economia.

Apesar da redução do défice estar a ser feita, a Grécia está a sofrer os efeitos secundários da cura de austeridade que teve de impor à economia. “A solução é parte do problema”, visto que “mais austeridade só enfraquece a economia”, alerta Matthew Lynn, colunista da Bloomberg e autor do livro *Bust: Greece, the Euro and the Sovereign Debt*. As receitas fiscais, que deveriam estar a disparar graças ao aumento de impostos, estão a ser “comidas” pela recessão económica. Até Março, estavam 11 por cento abaixo do previsto.

Este factor, aliado à dificuldade do Governo em eliminar os desperdícios, combater a economia paralela e a evasão fiscal, tem obrigado o executivo

a anunciar, constantemente, novas medidas de austeridade. Só para este ano, a Grécia comprometeu-se com poupanças adicionais de três mil milhões de euros, de modo a cobrir os deslizos do défice, que tem sido revisito em alta desde 2009. Para o período entre 2012 e 2015, estão previstos cortes de mais 23 mil milhões.

Matthew Lynn e Kevin Featherstone (conselheiro especial do primeiro-ministro grego) concordam que muito já foi feito na Grécia. Mas mais passos são necessários, independentemente de uma eventual reestruturação da dívida. Para Featherstone, que preside ao Observatório Helénico do Instituto Europeu da London School of Economics, é necessário “um melhor planeamento e pensar mais no futuro”.

Uma forma de o fazer era “cortar o tamanho da burocracia governamental, seleccionando quais são as prioridades”, e acelerar a reforma das universidades. “É preciso convencer as pessoas e os investidores internacionais de que as reformas estão a acontecer e que as coisas vão mudar”. Mas também é preciso, diz, que o custo das medidas de emergência seja partilhado de forma mais abrangente, e não só por parte da população.

Fracturas entre FMI e UE

Às questões sobre o que ainda pode ser feito juntam-se as crescentes reticências da própria UE e do FMI à eficácia do plano de austeridade imposto à Grécia. “A União Europeia respondeu à crise grega da pior forma possível: foi inconsistente, pouco clara e improvisou muito, sem um planeamento mais sério. Reagiu como se o problema fosse apenas os gregos preguiçosos e manipuladores, em vez de perceber que havia desequilíbrios sérios dentro da zona euro”, considera Featherstone.

“A cultura económica na Alemanha caracteriza-se por elevadas poupanças e exportações, mas também pela crença de que qualquer país pode imitar o seu modelo”, considera. “É como se todos pudessem ganhar o jogo com um a zero”, remata.

Nesse sentido, qualquer nação que fuja às apertadas regras orçamentais tem de ser sujeita a um duro processo de ajustamento, até para dissuadir outros de seguir a mesmo caminho.

Contudo, o caso grego parece estar a mostrar às autoridades europeias e ao FMI que a receita inicial pode ser excessiva. Em Março, os líderes europeus concordaram em reduzir o custo do empréstimo à Grécia em um por cento e alongaram o prazo de reembolso (o país tem agora sete anos e meio para pagar o dinheiro que pediu, em vez dos três inicialmente previstos). Na Irlanda, onde a cura de austeridade já não foi tão violenta como na Grécia, o Governo

País já teve vários anúncios de medidas de contenção do défice



Emigrantes são alternativa de financiamento

Atenas aposta na diáspora para vender obrigações

Novos problemas requerem soluções diferentes. E foi com essa linha de pensamento que o Governo grego começou a desenhar uma estratégia alternativa de financiamento aos mercados de dívida tradicionais: a emissão de obrigações junto de gregos emigrados. Não é que seja original, uma vez que outros países, como a Índia e Israel, já o fizeram. Mas é pouco comum, e só o faz quem tem dificuldades em recorrer aos grandes investidores tradicionais, como os fundos de pensões. O projecto foi colocado em marcha no ano passado e, em Março, Atenas entregou a documentação necessária para emitir este tipo de obrigações junto de particulares nos EUA.

Após a devida autorização, faltará perceber a maturidade das obrigações e os juros a pagar (algo

que terá de ser compensador para quem compra, mesmo contando com a componente emocional, e sem que o juro seja demasiado penalizador para o Estado, tal como é agora nos mercados). Atenas quer encaixar cerca de dois mil milhões de euros, mas para isso terá mesmo que contar com o apoio da diáspora. Cerca de 11 milhões de gregos optaram por viver fora do país (com destaque para o resto da Europa, EUA e Austrália), quase tantos como os que vivem na Grécia (um pouco à semelhança de Portugal).

“A diáspora [grega] tem muito dinheiro”, afirmou à Bloomberg Dilip Ratha, um economista do Banco Mundial especialista em financiamentos alternativos. Falta saber, diz, se “querem investir no país, e qual a dimensão da confiança que têm na Grécia”.

também tem pedido uma redução dos juros que paga à UE e ao FMI. Em Portugal, as negociações para a ajuda externa mostram fracturas entre os “donos do dinheiro”: enquanto a Europa se divide, com o populismo político a ressurgir e posicionar-se contra mais ajudas aos países em crise, o FMI mostra-se cada vez mais preocupado com a possibilidade de a austeridade matar o crescimento.

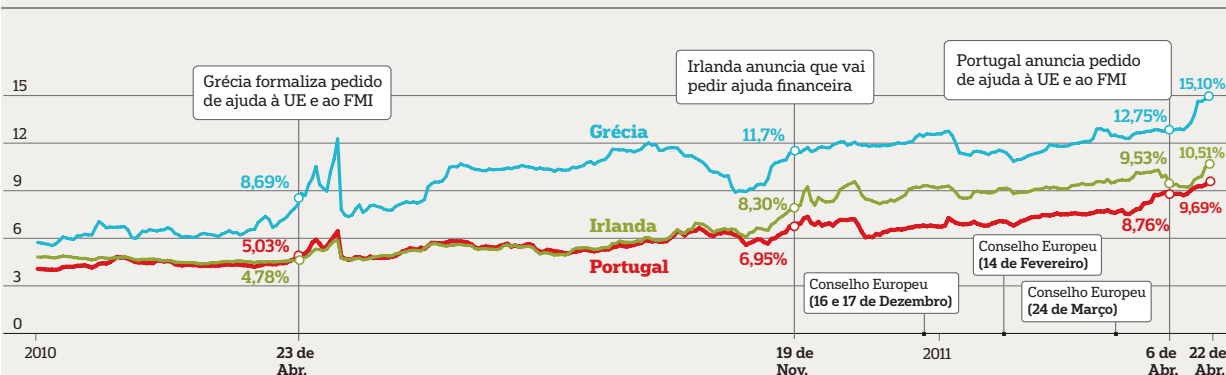
“Os pacotes de resgate têm evoluído e estão a tornar-se menos punitivos”, considera Matthew Lynn, salvaguardando, no entanto, que as condições ainda são muito duras e que os países europeus deviam ser mais generosos, já que estão a ganhar com o empréstimo.

O próprio FMI tem defendido juros mais baixos para Portugal e até um alargamento das metas do défice, que não obrigue a um esforço de consolidação orçamental tão rápido e tão duro. A Grécia parece, cada vez mais, ter servido de balão de ensaio para testar o primeiro resgate a um membro da zona euro. Agora, corre novo risco de ser objecto de uma nova experiência - a reestruturação da dívida.

DIMITAR DILKOFF/AFP

Dívida grega continua a ser a mais penalizada nos mercados

Taxas de juro das obrigações do tesouro a dez anos



Exportações de bens e serviços

Em % do PIB

Valores de 2011

	Valores de 2011	Variação anual (%)
União Europeia	41,9	6,4 ▲
Zona euro	42,3	6,1 ▲
Grécia	22,0	5,1 ▲
Portugal	33,4	5,6 ▲
Irlanda	101,9	4,5 ▲

Importações de bens e serviços

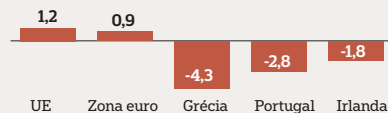
Em % do PIB

	Valores de 2011	Variação anual (%)
União Europeia	40,7	5,4 ▲
Zona euro	40,6	5,1 ▲
Grécia	26,6	-6,4 ▼
Portugal	38,5	-3,2 ▼
Irlanda	79,0	0,9 ▲

Taxa de poupança (em % do PIB em 2011)

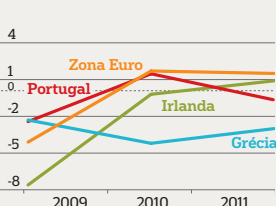


Consumo privado (var. em % de 2011 face a 2010)



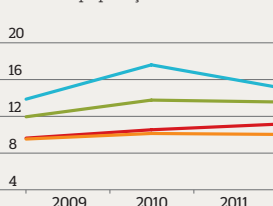
Taxa de crescimento

Em % do PIB



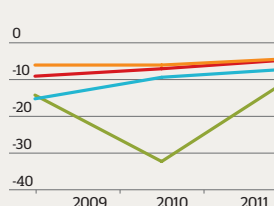
Taxa de desemprego

Em % da população activa



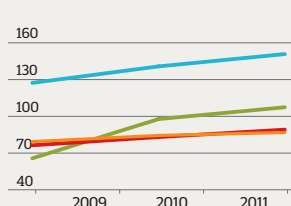
Défice orçamental

Em % do PIB



Dívida pública

Em % do PIB



Fonte: Comissão Europeia, Reuters

Entrevista Vassilios Costis, embaixador da Grécia em Portugal

“É preciso fazer ainda mais para a racionalização do sector público”

● Quais os principais objectivos que foram atingidos pela Grécia desde o pedido de ajuda, feito há um ano?

Desde o pedido de ajuda, a Grécia conseguiu uma redução significativa do défice público em cerca de seis pontos percentuais, ao mesmo tempo que procedeu a reformas estruturais relevantes, como, por exemplo, no sector da segurança social e das relações laborais, bem como à reforma administrativa do país.

E quais as principais falhas na implementação dos planos de austeridade? Ainda esta semana o banco central veio alertar para um atraso nas reformas estruturais do país...

É verdade que, apesar de já ter havido um grande esforço por parte do país, é preciso fazer ainda mais para a racionalização

do sector público.

Na semana passada foram apresentadas mais medidas de austeridade, incluindo um plano de privatizações ambicioso e de grande amplitude. Acha que, desta vez, será possível atingir as metas de redução do défice, ou mais medidas serão necessárias?

Acredito que as medidas anunciadas provarão ser suficientes para a redução adicional do défice e a retoma da economia do país. Acha que a descida da taxa de juro ligada aos empréstimos cobrados à Grécia veio demonstrar que o plano inicial da *troika* era demasiado severo, não dando espaço de manobra para o país crescer?

Acho que a descida da taxa de juro dos empréstimos cobrados à Grécia foi uma medida correcta,



Vassilios Costis

considerada oportuna no quadro do acompanhamento da aplicação do programa.

Há quem defenda que uma reestruturação da dívida grega é inevitável. Como vê estes comentários?

Em resposta a esses comentários saliento que o Governo grego, a Comissão Europeia, o Banco Central Europeu e o Fundo Monetário Internacional se opõem expressamente à reestruturação da dívida grega.

A União Europeia (UE) tem sabido combater a crise da dívida soberana da melhor forma? Acha que esta crise vai transformar a própria UE?

A crise na zona euro demonstrou a necessidade de uma acção coordenada para fazer face aos desafios económicos actuais.

A única maneira de enfrentar os problemas comuns é dando respostas em comum. Neste contexto, as decisões das cimeiras da UE e da zona euro de Março podem ser vistas como ponto de viragem para reforçar a governação económica da zona euro e da UE

como um todo. Claro que ainda há muito a fazer. Temos que continuar o nosso esforço e empenho com vista a reforçar a coesão económica, a convergência, a competitividade e o crescimento a nível da UE, usando todas as opções e instrumentos disponíveis, tais como a criação de obrigações europeias, o estabelecimento de um imposto sobre transacções financeiras, a capacidade do Mecanismo Europeu de Estabilidade de intervir nos mercados secundários e uma “taxa verde” para financiar as políticas europeias.

Como é que antevê a Grécia, dentro de dois anos?

Estou convencido que com a aplicação de um programa exigente de consolidação orçamental e saneamento das finanças públicas, a Grécia tornará a sua economia mais competitiva e mais forte.